



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

RAYONARA MEDEIROS DA SILVA

A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL:
Um estudo de caso no município de Picuí – PB.

PICUÍ-PB

2017

RAYONARA MEDEIROS DA SILVA

A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL:

Um estudo de caso no município de Picuí – PB.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba para obtenção do título de Graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Girlene Marques Formiga

Co-orientadora: Profa. Dra. Francilda Araújo Inácio

PICUÍ-PB

FOLHA DE APROVAÇÃO

RAYONARA MEDEIROS DA SILVA

A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL:


Um estudo de caso no município de Picuí – PB.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba para obtenção do título de Graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em 18 de agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Orientadora Prof.^a Dra. Girleene Marques Formiga – IFPB


Coorientadora Prof.^a Dra. Francilda Araújo Inácio – IFPB


Examinadora Prof.^a Dra. Marta Célia Feitosa Bezerra – IFPB


Examinador Prof. Dr. Neilson Alves Medeiros – IFPB

A Deus, criador de tudo o que tenho e tudo o que sou, por ter sido meu refúgio desde os mais felizes até os mais angustiantes momentos da minha caminhada. Ele sempre será meu sustento. Ao meu pai, Rosalvo Eleotero da Silva (*In Memoriam*), à minha mãe Inácia Izabel de Medeiros Silva e ao meu esposo Jussier do Nascimento Souza, por terem me concedido forças e os recursos necessários para que eu pudesse vencer os obstáculos impostos pela vida durante essa jornada, que concluo agora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar e me educar na fé, concedendo-me a oportunidade de hoje ser melhor que ontem; por ter me agraciado com pessoas maravilhosas durante essa caminhada, por vezes tão árdua, que hoje encerro para logo após iniciar outra. Venci porque a tua vontade é perfeita e soberana e os teus planos são maiores que os meus.

À Nossa Senhora, por interceder sempre a Deus pelas minhas conquistas. Por ser espelho de humildade, sabedoria e prontidão de serviço ao reino de Deus. Pelas vezes que me segurou e cuidou de mim como filha, por me amar até mesmo quando eu não a amava, não a tinha como mãe.

Aos meus pais, Rosalvo Eleotero da Silva (*In Memoriam*) e Inácia Izabel de Medeiros Silva, por me concederem, junto a Deus, o dom da vida. Não tenho a presença física do meu pai desde os três anos de idade, mas tenho certeza de que sempre esteve junto a mim e que escolheu a mulher certa para ser a minha mãe, essa que cumpriu de maneira digna e louvável a missão que Deus a ela confiou. Mesmo sem muito entender, sempre me incentivou a estudar; dizia todos os dias que a única coisa que ela poderia dar aos filhos era o estudo e, hoje, depois de ter todos os filhos morando fora de casa, ela continua nos incentivando a ser pessoas íntegras e de caráter. Obrigada, pai, por cada abraço, cada tapa que o senhor me livrou de receber (risos), por cada cuidado para com a nossa família. O senhor é a minha referência de herói. Amo-o com todas as minhas forças. Obrigada, mãe, por cada renúncia feita de si em prol da nossa família, por cada noite mal dormida, cada pedaço de saúde perdida, cada lágrima derramada por mim, cada tapa que me ofertou e cada palavra que me dirigiu. Tudo isso me serviu de lição e hoje sou quem sou graças aos seus ensinamentos. Obrigada pelo exemplo de mulher, filha, esposa, mãe e avó, pela sua simplicidade e integridade e por ser o meu refúgio e meu porto seguro.

Aos meus irmãos, Rosinaldo, Rosivaldo, Rosivan e Rafaela, pelo apoio que me deram, mesmo que silenciosamente, saibam que vocês me impulsionam a ser uma pessoa melhor e uma profissional bem sucedida.

Aos meus sobrinhos, Raica, Marlon, Samantha, Rayssa, Maria Sophia e Matheus, por tudo que vocês representam em minha vida, pela segurança e pureza que me passam através dos seus olhares puros e cheios de amor. Em vocês eu deposito a minha esperança de dias melhores, quando pego vocês no braço é como se vocês estivessem me segurando e me encorajando a ser melhor a cada dia.

Aos meus avós, Francisco (*In Memoriam*) e Maria, José Eleotero (*In Memoriam*) e Rosalina, por serem referências de pessoas fortes e batalhadoras na minha vida, pelo abraço acolhedor e amor que sempre me dedicaram.

Aos meus tios maternos e paternos, em especial a Maria Lúcia (minha querida tia Neném), José Eleotero Filho (meu querido tio Zé – *In Memoriam*), por nunca terem desistido de mim e por ajudarem a minha mãe a ser uma pessoa mais feliz, e, conseqüentemente, por me fazerem feliz também.

Tia Neném, minha segunda mãe, que sempre ajudou a mim e meus irmãos desde a partida do meu pai para o céu, e ainda hoje não mede esforço para ajudar a sua família, fazendo questão de dividir o pouco que tem com os seus. Amo muito a senhora.

Tio Zé, aquele sempre me ofertou carinho, abraço sincero e fraterno, obrigada pela sua contagiante alegria e por nunca deixar de acreditar nessa mulher que um dia foi a sua sobrinha menina, tão mimada por ti. Tenho certeza de que meu pai se alegrou muito por tudo que você fez pela nossa família. Assim como tenho certeza de que o senhor estaria muito feliz por essa minha nova conquista. Amo você! Quanta saudade tenho das minhas estrelinhas.

Sem minha família, eu nada seria. Perdoem-me pela ausência física ao longo desses anos. Sei que vocês podem até não entender, mas me perdoarão por motivos justos e, devidamente, explicados nesse momento tão único. À minha família agradeço pelo apoio, carinho e compreensão para comigo, talvez eu ainda não seja a “menina” dos vossos sonhos, nem dos meus, mas já não sou mais aquela menininha “aborrecente” de algum tempo atrás.

Ao meu amado esposo, Jussier Souza, que, por muitas vezes, não me deixou desistir desse curso, encorajou-me, empurrou-me de mundo afora e me deu todo o suporte necessário para que eu chegasse até aqui. Nem eu acredito tanto em mim como você acredita e isso, francamente, faz-me ser uma pessoa extremamente feliz e grata a Deus pelo esposo maravilhoso que me deu. Perdão pelas vezes que não consegui ser uma boa esposa, pela bagunça que criei em nosso quarto de estudos, por todos os dramas criados e pelas vezes que não “cooperei com a sua dissertação”. Obrigada por ser meu porto seguro. Jamais me negou o ombro para chorar e depositar minhas fraquezas, por cuidar tão bem de mim e por me deixar ser a sua menina, ora delicada e frágil, ora grossa e resistente aos seus conselhos. Tenho certeza de que ninguém, além de você, suportaria minhas inconstâncias. Você é, sem dúvida, um exemplo de filho, neto e esposo a ser seguido. Tenho certeza de que será, também, um pai exemplar. A você devo algumas orientações de projeto, de vida, muitas doses de paciência consumida, devo muito mesmo e espero um dia poder retribuir tudo que outrora fez por mim. Que Deus abençoe a nossa caminhada e nos permita viver juntos até o fim dos nossos dias.

Aos meus sogros, Julieta e Francisco, que durante quase toda a minha caminhada tem sido meus segundos pais, abrigando-me em seu ninho de amor e cuidando de mim como se fosse mais uma filha da casa. Obrigada pelo exemplo de casal, pais e sogros que são para mim. Tenho certeza de que serão avós exemplares. Nossa sementinha chegará.

A Jayane, uma cunhada linda que tenho como irmã, desde as nossas incansáveis briguinhas até o mais calmo e afetuoso abraço que recebo na maioria dos meus finais de semana. Você é um exemplo a ser seguido, e eu a admiro muito. Obrigada pelas vezes que me encorajou a seguir em frente; não foram muitas, mas saiba que foram essenciais em minha caminhada.

Aos meus afilhados, Jaisa, Jaiane, Samantha, Yan, Dafne, Lívia, Thomás e Liz por serem tão especiais e compreenderem a minha ausência física durante tanto tempo em que vocês de mim precisaram.

Aos meus irmãos EJC, em especial, Renata, Alzônio, Letícia e Mariana por nunca me desampararem, por aguentarem as minhas luas e estarem presentes nos momentos mais importantes da minha vida, por não deixarem de acreditar em mim e me incentivarem a cada passo dado na minha caminhada profissional, pessoal e cristã.

Aos meus pais adotivos do EJC, Joaquim Neto e Josilene, por me acolherem e fazerem quase o impossível para me ver sorrindo. Obrigada por tudo. Vocês me cativaram e também me incentivaram a ser uma pessoa melhor, esforçada e realizada na minha vida pessoal, cristã e profissional.

À Prof.^a Dra. Girlene Marques Formiga, pelas valiosas orientações, amizade, paciência, conhecimentos compartilhados e por ter desempenhado com maestria seu papel de coordenadora do curso, professora e orientadora. Pelas vezes que lutou pela minha permanência neste curso e por ser tão prestativa para comigo, pois jamais me negou sequer uma orientação ou palavra amiga. Ao analisar sua passagem pela minha vida, sinto-me grata por ter conhecido um ser tão iluminado, alegre e esforçado. Sem dúvidas, é a melhor em tudo que faz e não deixará de ser a melhor orientadora. Quando eu crescer quero ser igual a esta professora, sábia, formidável e dona de um enorme coração. Avanteeeeeeee, “meninaaaaaaaa”.

À Prof.^a Dra. Francilda Araújo Inácio, que acompanhou a tão querida Girlene nesta árdua missão de me orientar, muito obrigada pelas suas ricas e valiosas contribuições.

Ao IFPB, minha segunda casa durante algum tempo, por me conceder a oportunidade de ser uma cidadã crítica e capaz de atuar na sociedade na qual resido e por me abrir portas para que eu aprimorasse meu saber dentro do meu curso.

Às minhas colegas de graduação, Adriana, Albertina, Ana Paula, Fabiana, Jordania, Jeane e Robervânia, pelas refeições, trabalhos, seminários e noites compartilhadas em busca do saber, pelos sorrisos e ombros amigos doados para que eu pudesse chorar nos momentos em que me senti fraca e incapaz. Levarei todas sempre eu meu coração e em minha memória. Avante, minhas meninas! “Vamos procriar”, como diz Robervânia.

A todos os professores que contribuíram com a minha formação escolar e acadêmica, desde a minha tão amada cidade São João, Jardim, até aqui, Picuí, em especial aos meus professores da graduação, Marta, Neilson, Moacir, Kelly, Betânia, Mônica, Analice, Joseli e Benedita. Vocês são fontes inspiradoras para mim. Tenho um enorme carinho por vocês. Obrigada por todos os conhecimentos compartilhados! São exemplos de superação de determinação para mim.

Ao IDES – CCDES, em nome de Ana Paula, Maria Inês e Cleane, meus sinceros agradecimentos por confiarem no meu trabalho e terem me dado a oportunidade de atuar na minha área. Serei eternamente grata por isso. À tia Vandeilma, tia Fátima e tia Joarlene por todo o carinho que me dedicam e por acreditarem sempre em meu potencial. Vocês são dez! Sentirei saudades!

Por fim, não menos importante, quero agradecer aos meus alunos de 2014, 2015 e 2016 do IDES – CCDES (escola na qual atuo desde 2014), do Severino Ramos (onde desenvolvi meu projeto de extensão em 2015), do Ana Maria Gomes (onde realizei duas etapas do meu estágio – 2015/2016) e do Lordão (onde realizei a última etapa do meu estágio - 2016), espero ter repassado um pouco do que aprendi com meus mestres. Saibam que também aprendi muito com vocês. Quero vê-los profissionais brilhantes atuando nesse mundo, logo, logo. Obrigada pela acolhida, pelos abraços, teimosias e cuidados a mim dedicados. Amo vocês e sentirei muitas saudades dos nossos dias compartilhados.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente com a minha vida acadêmica, àqueles que a minha fraqueza humana não me capacitou lembrar-me de citar o nome meus sinceros agradecimentos. Deus abençoe a todos!

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”. José de Alencar

RESUMO

A leitura literária concebida como um instrumento estimulador das interações sociais e do desenvolvimento educacional contribui para a formação do pensamento crítico, a estruturação da linguagem e respostas a problemas enfrentados por leitores no universo que os cerca. Nessa perspectiva, este trabalho analisou o valor da leitura literária na vida dos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública situada no município de Picuí – PB, o que já redireciona a investigação de como os professores estão promovendo o acesso à literatura em sala de aula, de modo que sua prática seja significativa a esses leitores. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva de observação no universo escolar, visto que este estudo se insere no campo de investigação sobre o espaço que a literatura infantojuvenil ocupa na sala de aula, mais especificamente em uma turma de 6º ano, levando em consideração os aportes teóricos de Zilberman (2016, 2014, 2008, 2003, 1998), Lajolo (2008, 2006, 2001, 1998), Cosson (2017, 2014) e Aguiar (2004), dentre outros. Ao final desse estudo, constatou-se que a utilização de abordagens adequadas à leitura literária pode auxiliar no exercício da missão docente de despertar nos jovens o interesse pela leitura e interferir, positivamente, em sua formação leitora.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Leitura; Literatura Infantojuvenil.

ABSTRACT

The literary reading conceived as a stimulating tool for social interactions and educational development contributes to the formation of critical thinking, the structuring of language, and responses to problems faced by readers in the universe around them. In this perspective, this work analyzed the value of literary reading in the life of the students of the 6th grade of Elementary School in a public school located in the city of Picuí - PB, which already redirects the investigation of how teachers are promoting access to literature in so that their practice is meaningful to these readers. For that, a qualitative and descriptive research of observation in the school universe was carried out, since this study is inserted in the field of investigation about the space that the children's literature occupies in the classroom, more specifically in a group of 6° year , Taking into account the theoretical contributions of Zilberman (20016, 2014, 2008, 2003, 1998), Lajolo (2008, 2006, 2001, 1998), Cosson (2017, 2014) and Aguiar (2004). At the end of this study, it was found that the use of appropriate approaches to literary reading can help in the exercise of the teaching mission to awaken in the young the interest for reading and to interfere, positively, in their reading formation.

KEY WORDS: School; Reading; Children's Literature.

1. Introdução

É imensurável a importância da leitura na vida de uma pessoa, haja vista ser considerada uma atividade que, além de contribuir para o contínuo processo do conhecimento, favorece a construção do indivíduo em seu meio afetivo, social e cultural. Partindo da ideia de que uma das primeiras formas de entretenimento para o homem é a leitura, Freire (1995, p. 71), afirma que “desde muito pequenos, aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos ‘lendo’, bem ou mal, o mundo que nos cerca”, fazendo dessa aprendizagem também um ato crítico e participativo nos espaços onde ocupamos.

A ideia freiriana de que “a leitura do mundo precede à leitura da palavra”, infelizmente, parece não ter tido o alcance desejado, pois, se o “ato de ler” fosse assim oferecido na escola, talvez hoje não tivéssemos resultados deficitários de índice de leitura entre os brasileiros, tampouco dados insatisfatórios quanto ao baixo desempenho de leitura por parte de nossos estudantes quando concluem sua formação escolar.

As avaliações do PISA, sob a coordenação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico– OCDE, são realizadas em uma periodicidade regular trienal, abrangendo as áreas do conhecimento de Leitura, Matemática e Ciência desde o ano de 2000, quando teve como o foco a Leitura. A falta de prática da leitura parece ser um problema que extrapola o espaço brasileiro, conforme vem demonstrando os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos –PISA, cujo objetivo é produzir indicadores que contribuem para a discussão da qualidade da educação nos países participantes, de modo a subsidiar políticas de melhoria do ensino básico (BRASIL, INEP, 2016). Enfatizando uma área a cada edição, o destaque do programa em 2012 recaiu na Leitura, quando seus resultados indicaram um desempenho mais favorável em relação à sua primeira edição, conforme demonstra a figura a seguir.

FIGURA 1 - Quadro dos resultados do PISA entre o período de 2000 a 2012

	Pisa 2000	Pisa 2003	Pisa 2006	Pisa 2009	Pisa 2012
Número de alunos participantes	4.893	4.452	9.295	20.127	18.589
Leitura	396	403	393	412	410
Matemática	334	356	370	386	391
Ciências	375	390	390	405	405

Fonte: Portal do INEP, 2016.

Nos últimos anos, o crescimento no desempenho dos estudantes quanto à competência leitora nos faz acreditar que é possível ampliar esse quadro, promovendo ações mais eficazes em prol da efetiva formação dos jovens leitores no Brasil. Embora a forma de avaliação desse programa, assim como de outros, seja questionada, é inegável, como destaca Formiga et. al. (2012), que esses dados constituem, para os países envolvidos, instrumento na determinação de políticas públicas e educativas.

Guardadas as devidas ressalvas quanto à falta de diálogo dos exames internacionais com as culturas latino-americanas e à aplicação de regras às cegas desses organismos estrangeiros, que se julgam ter autoridade sobre países mais pobres – como bem ressaltam especialistas em educação –, não se pode negar a influência nas políticas públicas e nas salas de aula. Assim sendo, o diagnóstico dessas organizações contribui para a compreensão que temos hoje sobre o estado de leitura e leitores do Brasil, de maneira que, por meio dele, possamos identificar fatores responsáveis por frustrar tantos professores que não conseguem ou apresentam dificuldades em lidar com a falta de interesse dos alunos ou proficiência na leitura (FORMIGA et. al, 2012, p. 16).

Estudos divulgados pela OCDE revelam que, em 2009, quando realizada a última avaliação, tendo como foco a leitura, 37% dos estudantes investigados não leem por diversão.

Os estudantes que se encontram muito envolvidos em uma variada gama de atividades de leitura estão mais propensos do que os demais estudantes a aprenderem de maneira eficiente e a obterem bons resultados na escola. As pesquisas também documentam uma forte ligação entre as práticas de leitura, a motivação e a proficiência entre adultos. A proficiência em leitura é crucial para que os indivíduos compreendam o mundo em que vivem e continuem a aprender por toda a vida (OECD, 2011, p. 1).

Os dados do Pisa demonstram, ainda, o fato de os estudantes que "leem diariamente por prazer obtêm resultados que equivalem a um ano e meio de escolarização a mais do que

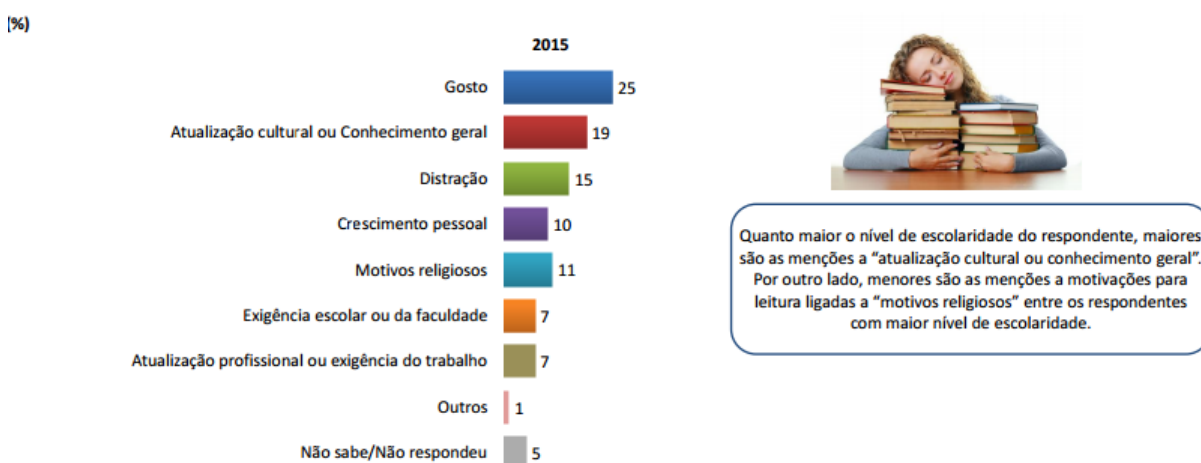
os que não leem" (OECD, 2011, p. 2). Logo, a leitura por diversão está associada à proficiência desse ato em qualquer circunstância.

Semelhante resultado é apresentado na 4ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, divulgada em 2016, cujo propósito é o de conhecer o comportamento leitor medindo a intensidade, forma, limitações, motivação, representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira (PRÓ-LIVRO, 2016).

Os dados dessa pesquisa, realizada pelo Instituto Pró-Livro – IPL, apontam, dentre as várias motivação para ler um livro, que quanto maior o nível de escolaridade maiores as referências no que se refere à atualização cultural ou conhecimento geral, conforme demonstração na figura a seguir.

FIGURA 2 - Resultado da 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil quanto à motivação pela leitura

Principal motivação para ler um livro



Base: Leitores (2798)
Fonte: Portal Instituto Pró-Livro, 2016.

Alguns dados reforçam uma tendência já verificada na 2ª edição dessa pesquisa em 2007: há uma relação proporcional entre a prática de leitura, a escolaridade e a renda das pessoas. Em se tratando de estudantes, é maior o hábito de leitura de livros, sobretudo pela leitura de livros indicados pela escola, didáticos ou literatura.

No que se refere ao questionamento do número de livros lidos anualmente, verificamos que no Ensino Fundamental II, compreendendo o nível de escolaridade entre o 6º e 9º ano no qual se encontra o universo pesquisado neste estudo, houve uma oscilação de resultados nas três últimas edições da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, segundo representa a figura seguir:

FIGURA 3 - Resultado da 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil quanto ao número de livros lidos anualmente em diversos níveis de escolaridade

ESCOLARIDADE			
Livros habitante/ano	2007	2011	2015
Fundamental I (1º a 4º série ou 1º ao 5º ano)	3,7	2,5	3,44
Fundamental II (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano)	5,0	3,7	5,26
Ens. Médio (1º ao 3º ano)	4,5	3,9	4,79
Superior	8,3	7,7	10,87

RENDA FAMILIAR (SM)			
Livros habitante/ano	2007	2011	2015
Mais de 10	8,0	8,6	11,28
Mais de 5 a 10	6,0	5,1	8,05
Mais de 2 a 5	4,9	4,2	5,22
Mais de 1 a 2	3,9	2,9	4,27
Até 1	3,7	2,7	3,89

Os resultados de 2015 reforçam uma tendência percebida desde 2007: quanto maior a escolaridade e a renda, maior é o hábito de leitura de livros, assim como também é maior entre aqueles que ainda são estudantes. Estes últimos, sobretudo pela leitura de livros indicados pela escola, didáticos ou literatura.

Fonte: Portal Instituto Pró-Livro, 2016.

De acordo com a última edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, há uma tendência sinalizando "o aumento da importância dos livros lidos por iniciativa própria em relação aos indicados pela escola, mesmo entre os estudantes". Embora tal direção seja reconhecida, constatamos que a escola continua sendo a instituição responsável pela promoção da leitura, fato indicador de que os professores devem se prover de recursos pedagógicos e metodológicos para assumirem com eficácia tal compromisso.

Programas institucionais e algumas ações vêm sendo realizadas em prol do estímulo à leitura literária, a exemplo do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL¹. Levando em consideração os diversos gêneros de leitura a que temos acesso, a literária é umas das mais ricas e que exerce um papel de grande influência na formação do leitor em toda a sua caminhada escolar e na sociedade (ZILBERMAN, 2003, 2008; TODOROV, 2010).

Considerando que esta pesquisa se volta para o texto literário, tomemos a concepção do termo Literatura a partir de Eagleton (2003, p. 22), para quem não há uma definição unânime, sob a justificativa que “se não é possível ver a literatura como uma categoria

¹Contribuíram diretamente para a elaboração deste Plano, iniciativas como: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); o Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE); o fórum da Câmara Setorial do Livro, Leitura e Literatura (instituída por decreto presidencial em 2005 e da qual decorreu o atual Colegiado Setorial de Livro, Leitura e Literatura); o Projeto Fome de Livro (iniciativa do MEC/Biblioteca Nacional); o Programa Nacional do Livro no Ensino Médio (PNLEM); o Programa de Formação do Aluno e do Professor Leitor e o Vivaleitura – Ano Ibero-americano da Leitura (2005), programa desenvolvido pelo MinC, MEC, organismos internacionais e entidades da sociedade, e, finalmente, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER). Disponível em <http://189.14.105.211/conteudo/c00005/Introducao.aspx>. Acesso em: 5 set. 2016.

“objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura”.

Ao tratar da literatura na escola, especialmente em como essa arte procede, Zilberman (2003, p. 25) atesta:

Ela [literatura] sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja, a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

Diante dessa contextualização, o problema norteador desta pesquisa voltou-se ao seguinte questionamento: qual o valor da literatura na vida dos estudantes, considerando a sua prática leitora promovida pela escola? A partir dessa, outras indagações são inevitáveis, como: Como se dá o contato entre a literatura e os leitores? Que procedimentos podem ser utilizados para promover uma formação leitora mais efetiva? Evidentemente, esta pesquisa não pode prover a escola e a sociedade de todas essas respostas, mas, ao levantarmos tais questionamentos, favoreceremos reflexões sobre a matéria e ao mesmo tempo elucidações de certas questões que poderão intervir nas práticas de acesso ao texto literário.

O desenvolvimento da pesquisa teve como elemento positivo o fato de que eu já havia estabelecido um contato prévio com gestores e professores das escolas municipais do município de Picuí, facilitando o acesso ao universo estudado neste trabalho, qual seja: a turma do 6º ano do Ensino Fundamental II. Somado a esse fato, havia um interesse particular, despertado ao longo do curso, em fazer uma reflexão crítica sobre a temática aqui abordada. Ademais, existia a possibilidade de o referido estudo gerar informações úteis que pudessem ser utilizadas na escola em questão, ou em outras, para uma possível intervenção com vistas a reduzir as dificuldades com a leitura literária diagnosticadas neste trabalho.

Contextualizados o problema de pesquisa e a justificativa, passemos aos aspectos metodológicos. Para responder ao problema de pesquisa levantado, recorreremos às contribuições crítico-teóricas acerca da temática que envolve a leitura literária na escola, notadamente a literatura infantojuvenil. Assim sendo, utilizamos estudos de Zilberman (20016, 2014, 2008, 2003, 1998), Lajolo (2008, 2006, 2001, 1998), Cosson (2014, 2017) e Aguiar (2004) que advogam o contato com a literatura desde as fases iniciais do processo de aprendizagem das crianças, por entenderem que essa influência assume um papel importante

na construção da habilidade leitora. Além disso, defendem a necessidade de avaliar o contexto que um determinado texto apresenta, antes que o leitor tenha acesso ao texto literário.

Em se tratando do tipo de pesquisa, realizou-se um estudo descritivo, haja vista a observação, o registro e a análise, ainda que de maneira ampla, da relação dos estudantes com a leitura literária. De acordo com Vergara (2005) e Gil (1999), a pesquisa descritiva é aquela que expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno, podendo estabelecer correlações entre variáveis.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa deu-se a partir da seleção de referências teóricas sobre o tema investigado, sendo definida como "o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral" (VERGARA, 2005, p. 48). Visando ao atendimento da pesquisa voltada a um público específico, optou-se pelo Estudo de caso, já que se tratava da referência de tratamento do texto literário em uma turma do 6º ano, formada por 29 estudantes de uma escola de Ensino Fundamental II da rede pública de ensino do município de Picuí, localizado na microrregião do Seridó oriental paraibano.

Com a utilização desses mecanismos de pesquisa, o presente estudo tenta compreender como a leitura literária na escola pode influenciar na formação de novos leitores como atividade significativa. Para tanto, observamos as práticas de leitura literária desses estudantes com vistas a um direcionamento para a consolidação de desempenho efetivo de formação leitora.

A pesquisa possibilitou a identificação do fato de estudantes não terem uma relação mais estreita com a literatura. Essa constatação foi possível graças à observação realizada durante o Estágio Supervisionado exigido no curso de Licenciatura em Letras do IFPB. A partir dessa verificação, sentimos a necessidade de analisar a razão pela qual esses alunos não viam a literatura como um instrumento capaz de despertar a sua atenção e ser parte de seu cotidiano.

Assim, as motivações que justificam este trabalho surgiram após a realização e acompanhamento de atividades inerentes ao Estágio Supervisionado em algumas escolas do município de Picuí, mais especificamente na escola onde esta pesquisa foi realizada. Ao observar a postura do pouco envolvimento por parte da maioria dos estudantes mediante leitura de textos literários, foi possível inferir que tal comportamento poderia ser decorrente da dificuldade de se aproximar do universo da arte literária, seja por falta de metodologias adequadas à abordagem do gênero literário proposto, seja pela escolha inadequada dos textos que não despertavam a devida atenção desse grupo. Por meio dessa experiência, verificamos

que parte da turma do 6º ano não apresentava motivação pela leitura, a ponto de não emitir opinião quando se mencionava uma determinada obra da literatura.

Para fins de organização, a pesquisa foi estruturada em três seções, a saber: após a Introdução, que situou o objeto da pesquisa, definimos o problema, a justificativa, os objetivos, os aspectos metodológicos, caracterizando a pesquisa e o universo de investigação; na segunda seção, contextualizamos a literatura na escola no Ensino Fundamental, tratando mais especificamente de práticas de leitura literária voltadas para esses jovens leitores. Na terceira seção, apresentamos os resultados e discussão acerca da experiência com uma prática de leitura realizada em uma turma do 6º ano de uma escola pública no município de Picuí-PB. Por último, trouxemos à tona, nas Considerações finais, a discussão dos resultados obtidos na pesquisa com reflexões acerca do ensino da literatura e sua relação com a formação leitora, assim como as Referências que indicamos títulos de obras que contribuíram para fundamentar as ideias apresentadas neste trabalho.

2. A literatura voltada para os jovens leitores

É sabido que a leitura está associada a um melhor desempenho na escola, bem como a uma maior autonomia humana. Na contramão desse posicionamento, há práticas leitoras que têm contribuído para o desinteresse do público leitor jovem: um deles trata-se da falta de metodologias adequadas à abordagem de textos literários, já outro se refere à questão do professor que não apresenta comportamento leitor, e isso implica diretamente no outro fator, que é a sua limitação em trabalhar textos considerando apenas a proposta constante do livro didático, com fragmentos e atividades que pouco contribuem para formar leitores. É certo que os métodos inovadores só irão perpassar a teoria quando o professor se efetivar no mundo da leitura e o estudante se sentir convencido da estreita relação existente entre o docente e o texto.

Uma das formas utilizadas para inserir crianças, jovens e adultos no mundo literário é o trabalho com as adaptações literárias, prática de leitura conhecida e adotada há séculos.

A adaptação para os jovens leitores não é uma modalidade nova na história da leitura, pois surgiu muito antes do desenvolvimento da literatura infantil, quando não havia leituras exclusivas desse gênero, mas práticas adotadas por esse público que estava se formando, dentre elas as histórias folclóricas de origem camponesa, denominadas pelos românticos do século XIX de “contos de fadas”, que foram reformulados de várias formas para encaixar-se nos padrões de cada época, os Grimm, por exemplo, adaptaram para as

crianças as tradições herdadas de outras origens, adequando-se ao seu país. Antes disso, porém, temos no século XVI as versões francesas de Perrault (FORMIGA, 2009, p. 67).

A pesquisa realizada por Formiga, na qual demonstra também um panorama das adaptações que circularam e circulam no país, aponta que esse tipo de texto propicia aos leitores em idade escolar o contato inicial com grandes obras da literatura universal e nacional. Para a pesquisadora, a adaptação atende a determinados leitores em certa época de suas vidas, mas não significa, necessariamente, que todos se converterão em leitores do texto dito integral. Segundo a autora,

O mais importante é que, com a mediação através de formas adaptadas, é possível entrar em contato com a herança deixada pelos nossos antepassados, capaz de emocioná-los esteticamente e de interferir em suas vidas, discutindo valores, favorecendo opções morais. Ler, mais tarde, integralmente essas obras é uma outra história que merece também ser contada (FORMIGA, 2009, p. 94).

É certo que as adaptações promovem ao leitor diversas formas de acesso ao texto literário. Até mesmo depois dos grandes avanços apresentados nas escolas brasileiras, as adaptações não perderam seu lugar no mundo encantado da leitura. Acerca do assunto, encontramos apoio na escritora Ana Maria Machado quando afirma:

Não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que se deve propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. E que possa redundar na construção de uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda a vida. Mais ainda: na torcida para que, dessa forma, possa equivaler a um convite para a posterior exploração de um território muito rico, já então na fase das leituras por conta própria (MACHADO, 2002, p. 12-13).

Muitas são as formas de adaptação de um texto – fílmica, em quadrinhos, uma narrativa mais condensada, dentre outras – mas, para explorá-la na sala de aula, o professor precisa conhecer a obra integral, de modo que possa discutir o texto adaptado sem comprometer a integralidade do que foi criado pelo autor. A obra adaptada, de acordo com Lajolo e Zilberman, constitui forma de acervo do primeiro contato com a literatura infantil.

A adaptação, afetando vários níveis da obra, parece constituir procedimento que, de modo mais geral, caracteriza boa parte do acervo do primeiro momento da literatura infantil brasileira. Em termos de linguagem, o projeto

parece ter chegado a bons resultados e ter cumprido seus propósitos, abrisse textos que até então circulavam em edições portuguesas, aumentando com isso sua penetração junto às crianças.

[...] Se a adaptação para a realidade linguística brasileira do acervo infantil europeu já indica o movimento de nacionalização no qual se insere a literatura brasileira para as crianças e seus primeiros momentos, em outros desdobramentos do mesmo projeto, essa nacionalização se transforma em nacionalismo (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, p. 17-18).

Esse e outros procedimentos de acesso às obras literárias devem ser de conhecimento e uso pelo docente que deve oferecer aos seus alunos uma diversidade de gêneros, formas e suportes de textos a fim de contemplar aspectos culturais, sociais e estéticos para obtenção de resultados eficazes quanto à prática literária.

Para tanto, necessitamos de professores leitores atuantes capazes de motivar seus alunos a terem acesso a esse mundo literário, já que, em casos de ausência da família na promoção do acesso à literatura, o professor é a peça chave desse tão importante processo, requerente de metodologias diversificadas a serem aplicadas em sala de aula.

O tratamento com uma única abordagem ao texto literário também pode provocar reducionismos à amplitude da obra que, por sua própria natureza, requisita leituras sob perspectivas variadas. Além disso, com esse tipo de tratamento, corre-se o risco de comprometer o interesse dos leitores, que se encontram ainda em fase iniciante de leitor, pela literatura. Sobre esse aspecto, Todorov (2009, p. 32-33) defende:

Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um.

Nessa perspectiva, ao tratar especificamente da literatura infantil, Zilberman (2003, p. 29) afirma que ao professor não cabe tão somente ensinar a criança a ler corretamente e dominar os códigos que permitem a mecânica da leitura, “é ainda tarefa sua emergir do deciframento e compreensão do texto, pelo estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio à trama ficcional”.

Seguindo o mesmo entendimento, Ana Maria Machado (2012 apud FORMIGA 2012, p. 21) observa que “é difícil ensinar a ler literatura porque não é um processo didático. Você pode se contaminar com um ‘vírus’, transmitir um gosto, compartilhar um entusiasmo. Funciona mais o exemplo do professor que lê do que exigir leitura como atividade em classe”. As concepções abordadas por Todorov, Zilberman e Machado corroboram a visão de um leitor crítico capaz de assumir uma postura inquiridora em seu meio social. Assim, quando o professor apresenta comportamento leitor, aliando várias formas de abordar textos em sua ampla diversidade, certamente são alongadas as chances de preservar as relações entre leitor - literatura - escola.

2.1 A leitura literária e sua relação como público infantojuvenil no universo escolar

A leitura da literatura, segundo Zilberman (2008), foi introduzida na escola desde o começo da história dessa instituição como um patrimônio cultural consagrado a ser transmitido aos jovens. Tal concepção, no entanto, sofreu mudança ao longo da história.

Atualmente não mais compete ao ensino da literatura a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. Por sua vez, a execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário.

A experiência da leitura decorre das propriedades da literatura enquanto forma de expressão, que, utilizando-se da linguagem verbal, incorpora a particularidade dessa de construir um mundo coerente e compreensível, logo, racional. Esse universo, da sua parte, alimenta-se da fantasia do autor, que elabora suas imagens interiores para se comunicar com o leitor. (ZILBERMAN, 2008, p. 16-17).

Tendo em vista a importância da literatura na vida dos jovens estudantes, nossa missão não é a de mera transmissão do conhecimento, já que o docente deve criar possibilidades para que a leitura se torne prática efetiva em suas vidas. Lajolo (2008) salienta a importância do contexto de um texto, a linguagem que esse texto deve apresentar e, ainda, elenca fatores importantes para que a sensibilidade do leitor seja despertada desde criança.

Em outras palavras: leitor e texto precisam participar de uma mesma esfera de cultura. O que estou chamando de esfera de cultura inclui a língua e privilegia os vários usos daquela língua que, no correr do tempo, foram constituindo a tradição literária da comunidade (à qual o leitor pertence) falante daquela língua (LAJOLO, 2008, p. 45).

Nessa perspectiva, faz-se necessário levar em consideração as tradições da comunidade na qual esses leitores residem para que assim o texto desempenhe o seu real sentido dentro da comunidade de leitores, caso contrário, possivelmente será mais difícil tentar inserir a leitura na vida dos estudantes sem levar em consideração o meio em que elas vivem e frequentam. Desse modo, percebe-se quão grande é o desafio de professores de suscitar nos jovens a paixão pela leitura, por isso a inevitabilidade de lançarmos um olhar mais atento a esse fato desde os anos iniciais dessas crianças, principalmente quando se verifica a ausência da apresentação da leitura literária por parte do ambiente familiar. Zilberman (2003) descreve a literatura voltada para as crianças dentro de uma dualidade operacional, já que assume um dominante caráter pedagógico na área infantil, algo que tem facilitado às experiências existentes através das histórias, bem como tem ajudado no tocante a expansão da competência linguística.

Nesse sentido, é preciso despertar na criança o prazer de folhear um livro, escutar uma história, deixar que ela compartilhe essa experiência com outras pessoas, pois, mesmo que ainda esteja em sua fase de aquisição da linguagem, é importante deixar que ela amadureça nesse universo por meio de suas práticas de leitura. Trata-se de uma conquista muito importante na vida de um estudante, tendo em vista que sua base está sendo formada nas fases iniciais do processo cognitivo quando a construção do conhecimento, do pensamento crítico e reflexivo começa a ser ativado.

De acordo com Aguiar (2004), é na etapa pré-escolar que a criança lapida as competências e habilidades que a tornarão capaz para o aprendizado da leitura, mediante a construção de símbolos, desenvolvimento da linguagem oral e percepção, conseguindo estabelecer relações entre as imagens e as palavras.

Os interesses voltam-se, nesta fase, para histórias curtas e rimas, em livros com muitas gravuras e pouco texto escrito, que permitem a descoberta do sentido muito mais através da linguagem visual do que da verbal. Paralelamente, estão presentes as histórias mais longas, que falam das situações do cotidiano infantil e são lidas ou contadas pelo adulto (AGUIAR, 2004, p. 25).

Por isso, é imprescindível não desconsiderar a leitura visual da criança, nem a análise das imagens, fatores responsáveis pelas maiores de suas descobertas em relação ao mundo e à leitura. Além do texto escrito, a ilustração e o projeto gráfico vêm ganhando seu espaço e têm se tornado estratégias de suma importância na construção de obras literárias, explicitando ou ampliando os sentidos. De acordo com a afirmação de Turchi (2004, p. 39-40), “a ilustração

ganhou espaço de relevo no livro infantil em função de um diálogo entre os elementos que compõem a obra, especialmente entre ilustração e o texto literário”. Ainda em se tratando do assunto, Segabinazi (2017, p. 22-23), ao abordar questões a respeito da leitura literária nos anos iniciais, do ensino fundamental, a partir da perspectiva da educação literária, da alfabetização e do letramento literário, tendo como centro a leitura de livros de imagens ou livros de ilustração, faz a seguinte defesa:

a imagem permite a leitura e a interação com um universo variado de enredos, personagens, cenários, texturas, cores, sensações etc., que podem suscitar na criança a construção de significados mais interessantes, que preenchem melhor seus questionamentos e curiosidades a respeito de si e do mundo, além de promover o prazer estético.

Tendo como parâmetro a ideia de que a escola deve considerar a diversidade dos textos, aliada às metodologias adequadas à abordagem da literatura, espera-se que despertemos o interesse das crianças e dos jovens pela leitura capaz de aguçar a sua imaginação e a criatividade, transformando o seu mundo.

Dentre a diversidade de produções literárias, a infantojuvenil conquistou muito bem o seu espaço na nossa literatura. Desde o final do século XIX, no Brasil, havia preocupação de fazer com que os leitores jovens tivessem acesso e, possivelmente, um maior entusiasmo com a leitura de textos literários. Além disso, era perceptível que o Brasil necessitava de uma literatura própria para leitores que ainda estavam em fase de escolarização, pois até então o que circulavam aqui eram traduções e adaptações de livros europeus, a exemplo das Fábulas, de La Fontaine, inspiradas na obra do grego Esopo, conforme destaca Formiga (2009).

Do século XIX até hoje, certamente temos avançado na produção e circulação das obras literárias destinadas ao público infantil e juvenil que têm chegado com maior assiduidade às mãos desse grupo leitor, seja por meio da escola, seja pelo círculo familiar. Depois de Monteiro Lobato, precursor da literatura infantojuvenil brasileira, muitos autores vêm produzindo obras, renovando a linguagem, a estrutura narrativa, alcançando na atualidade quantidade e qualidade notável em gêneros e suportes diversos. Acerca do crescimento e diversidade da literatura para esse público, Zilberman (2014, p. 178) salienta:

Não surpreende, pois, que, no começo do novo milênio, tenha crescido e se diversificado a literatura para esse público. Sintoma dessa situação é a adoção de subdivisões que reconhecem a produção de obras para crianças e jovens de distintas faixas etárias, estendendo-se desde o indivíduo ainda não alfabetizado, mas consumidor de livros-brinquedos ou de livros de imagens, até o segmento constituído por moços e moças, formado por adolescentes e jovens adultos.

No que se refere ao atual quadro da literatura infantil e juvenil no ambiente escolar, existe uma maior consciência da importância do acesso a tal gênero literário, visto que necessitamos formar cidadãos desde cedo com capacidade de atuar com autonomia na sociedade, e, nesse aspecto, não há estratégia melhor do que a leitura literária para ampliar o seu universo e desenvolver o senso crítico.

Acerca da relação entre a literatura e a escola, Rouxel (2013) defende que ainda há muito a se refletir sobre o assunto. Dentre os aspectos a serem considerados, a pesquisadora assinala para o fato de que é preciso pensar o ensino de literatura assim como suas modalidades práticas a partir de sua finalidade. Segundo ela, deve-se levar em conta a formação de um sujeito leitor livre e crítico com capacidade de construir o sentido de maneira autônoma e de argumentar sua recepção, procedimento que contempla uma formação com vistas a uma personalidade sensível e inteligente, de acesso aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra. Rouxel (2013, p. 20) ainda acrescenta que “essa formação resulta da sinergia de três componentes, que são a atividade do aluno sujeito leitor no âmbito da classe constituída em “comunidade interpretativa” (Fisch, 2007), a literatura ensinada – textos e obras – e a ação do professor, cujas escolhas didáticas e pedagógicas se revestem de uma importância maior.”

Evidentemente esta pesquisa não vence todos os aspectos elencados por Rouxel, mas deixa entrevê discussões e experiências que despontam para tais questionamentos e para os aludidos neste estudo ao levantar questões como o valor da literatura na vida dos estudantes, considerando a sua prática leitora promovida pela escola, como é dado o contato entre a literatura e os leitores e quais procedimentos pode promover uma formação leitora mais efetiva.

Na perspectiva da reconhecida importância da literatura infantojuvenil na escola, discutiremos, na seção a seguir, práticas de leitura que, efetivamente, podem colaborar na formação leitora. Para tanto, apresentaremos uma experiência de leitura vivida com o 6º ano de uma escola pública na cidade de Picuí-PB, envolvendo a obra “Diário de um banana, Vol. 1”, de Jeff Kinney.

3. Perspectivas de formação leitora: experiência com uma turma do 6º ano

Antes de procedermos ao estudo do caso, apresentamos alguns dados relativos ao universo escolar, fonte desta pesquisa, para uma melhor contextualização de seu cenário e compreensão dos registros e análises aqui realizados.

A técnica de coleta de dados para este estudo, cuja pretensão foi analisar o valor da leitura literária para os estudantes do 6º ano, consistiu na observação, que, segundo Alvarez (1991, p. 560), é o “único instrumento de pesquisa e coleta de dados que permite informar o que ocorre de verdade, na situação real, de fato.”

Quanto à análise e tratamento dos dados obtidos, seguiu-se uma abordagem qualitativa, por meio de técnica de análise de conteúdo, considerada por Vergara (2005) como técnica para análise de dados cujo propósito é identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema.

A escola pesquisada, denominada E. M. E. F, está localizada na zona urbana do município de Picuí - PB, atualmente atendendo cerca de 735 alunos, entre o 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, distribuídos em três turnos. O ambiente físico possui uma área bastante ampla, composta por 12 salas de aula, 01 ginásio poliesportivo, 01 praça espaçosa, 01 laboratório de informática, 01 biblioteca, 01 sala de recurso multifuncional, 01 sala de vídeo, 01 cozinha, pátio para refeitório, secretaria e direção (estas últimas funcionando em um mesmo espaço), 01 sala de professores, banheiro feminino e masculino, um banheiro adaptado às pessoas com deficiências. Convém ainda destacar que toda a escola possui rampas de acesso às pessoas com deficiências.

A escola apresenta uma linha pedagógica baseada numa linha crítica, reflexiva e transformadora, ou seja, tem como fundamento básico as teorias críticas da educação, conforma demonstra seu projeto pedagógico. Para tanto, adota procedimentos metodológicos de vários estudiosos, como, por exemplo, Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Wallon, Freinet e Edgar Morin.

De forma geral, o ambiente físico escolar encontra-se adaptado à Lei de Diretrizes e Bases e às orientações curriculares nacionais, no que tange à disposição do espaço apropriado para a diversidade dos estudantes, incluindo os que apresentam deficiências, fato bastante significativo para um ambiente escolar onde se atende estudantes com necessidades educacionais especiais.

Todos os profissionais da escola demonstraram ser bem acessíveis à comunidade e às diferenças apresentadas pelo alunado que a compõe, respeitando as suas peculiaridades. É certo que essa linha de atuação favorece o seu processo de ensino e aprendizagem.

Em se tratando do professor regente da turma do 6º ano, verificamos que detém formação em Letras Português, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, é especialista em Literatura pela Universidade Cândido Mendes e Mestrando pelo Profletras na

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Atua como professor no Ensino médio e no Ensino fundamental II do município de Picuí – PB há mais de 10 anos.

Durante todo o período do estágio realizado nessa turma, o professor regente mostrou-se solícito e disponível a contribuir com a nossa experiência, flexibilizando, inclusive, a escolha dos conteúdos a serem abordados na fase da regência do estágio.

Quanto ao perfil dos estudantes da turma do 6º ano da escola estudada, em sua maioria, apresentava idades que variavam entre 12 anos e 17 anos, estes últimos pertencentes ao grupo dos reprovados ao longo de seu percurso escolar. Destaca-se também que a grande maioria da turma residia na zona urbana do município.

Em relação aos interesses da turma, de maneira geral, verificamos que se concentram em brincadeiras nos espaços externos da escola, em visitas à biblioteca e atividades propostas pelo professor de Educação Física. Quando indagados pelo interesse da leitura, a maioria respondeu que não havia lido mais de três livros por ano, embora muitos tenham demonstrado conhecimento na área de textos da literatura infantil e juvenil.

Observando a turma, de forma espontânea, em situações que poderiam interferir diretamente nesta pesquisa, registramos ocorrências sobre comportamentos leitores. A exemplo disso, constatamos a leitura de obras da literatura por meio de fragmentos dispostos no livro didático que revelou oferecer atividades pouco propensas a estimular a construção do sentido provocado pelo texto. Tal constatação encontra fundamentação em Cosson (2014), quando trata da presença da literatura na escola, especificamente voltada ao ensino da turma pesquisada.

No ensino fundamental, predominam as interpretações do texto trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos, e as atividades extraclases, constituídas de resumos dos textos, fichas de leitura e debates em sala de aula, cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras (COSSON, 2014, p. 20).

A respeito do tratamento adequado do texto literário pela escola, Lajolo (2006, p. 43-44) entende que “levar em conta a interação leitor-texto para discutir literatura parece dar conta de forma mais adequada do modo de inserção da literatura na vida escolar, uma vez que a prática de leitura patrocinada pela escola é dirigida, planejada, limitada no tempo e no espaço”.

Verificando, durante o Estágio Supervisionado, que essa interação leitor-texto estava longe de ser uniforme, percebemos a necessidade de fortalecer a ideia de que a escola deve cumprir com o seu papel de conceber o letramento literário como uma prática social. Para alcançar tal propósito, aplicamos os conhecimentos teóricos obtidos durante o curso à prática

docente com vistas a minimizar alguns descompassos entre os conteúdos vistos nos componentes curriculares do curso de Licenciatura em Letras do IFPB e a realidade do universo escolar no que se refere ao ensino de literatura.

Assim sendo, a partir das observações, apontamos práticas de leitura que pretendem contribuir, de maneira significativa, para estreitar a relação entre literatura e escola ao adotarmos uma experiência de leitura voltada a estudantes do 6º ano. Para tanto, escolhemos o texto “Diário de um banana, Vol. 1”, do escritor norte-americano, que já foi considerado um autor best-seller, Jeff Kinney, constante do livro didático indicado pela escola para essa turma.

3.1. O “Diário de um banana” no 6º ano

Antes de iniciarmos a experiência de leitura com “Diário de um banana, Vol. 1”, realizamos uma dinâmica como estratégia educacional de reflexão cujo propósito era estabelecer relação entre essa atividade e a leitura a ser feita em seguida. Nessa perspectiva, portando um novelo de lã, pedimos que os estudantes o desenrolassem, conforme fossem contando experiências, vivenciadas graças à leitura de um livro, até que formassem uma grande teia. Finda essa parte, incitamos lembranças individuais, solicitando que, ao passo que iam desenrolando a teia formada no início da dinâmica, os alunos recontassem alguma história, relatada por um membro da família, por um amigo ou por um professor. Cumprida a tarefa, da qual boa parte da turma participou, fizemos uma reflexão sobre o valor da leitura em nossas vidas e na das pessoas que nos cercam.

Valendo-se do momento de reflexão acerca dos sentidos que um texto pode provocar, iniciamos a leitura do “Diário de um banana, Vol. 1”. Convém esclarecer que a motivação da escolha da obra deu-se por fazer parte do planejamento da turma previsto pelo professor regente. Nessa condição, apresentava-se por meio de fragmento no livro didático adotado para a turma ora pesquisada, qual seja: *Jornadas.port*– Língua Portuguesa, de Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho. Com a escolha de continuar a sequência da programação da turma, e acreditando que o livro didático é um recurso importante na sala de aula, a seleção da obra de Jeff Kinney não destoaria do planejamento inicial do professor regente, além de permitir uma abordagem que considerasse o texto do livro, mas extrapolasse o suporte adotado em sala de aula. Tínhamos em mente a adoção de uma metodologia que atraísse o leitor para além do fragmento apresentado no livro, de modo a contribuir com o letramento literário.

Reiteramos a acepção do termo dado por Cosson (2017), para quem, no contexto de prática pedagógica, o *letramento literário* pode ser fixado de várias maneiras, entre as quais destacam quatro características fundamentais:

Em primeiro lugar, não há *letramento literário* sem o contato direto do leitor com a obra, ou seja, é preciso dar ao aluno a oportunidade de interagir ele mesmo com as obras literárias. Depois, o processo do *letramento literário* passa necessariamente pela construção de uma comunidade de leitores, isto é, um espaço de compartilhamento de leituras no qual há circulação de textos e respeito pelo interesse e pelo grau de dificuldade que o aluno possa ter em relação à leitura das obras. Também precisa ter como objetivo a ampliação do repertório literário, cabendo ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meios. Finalmente, tal objetivo é atingido quando se oferecem atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário (COSSON, 2017, p. 1).

Para alcançar esse aprendizado crítico da leitura literária, a escola deve, como qualquer outro conteúdo, abordar textos utilizando métodos diversificados, objetivando formar leitores, principalmente os que se encontram ainda em fase de formação inicial, como é o caso do ensino fundamental. Ou seja, a escola e o professor devem ofertar recursos para que estes alunos tenham a oportunidade de adentrar ao universo literário, sem isso não será possível alcançar sequer um resultado positivo dentro do universo escolar.

Partindo de uma das estratégias de leitura, abordamos o texto “Diário de um banana, Vol. 1” a partir de uma das sequências didáticas apontadas por Cosson (2014), considerando os princípios teóricos e metodológicos requisitados pela proposta de leitura. O autor apresenta dois modelos de sequência: uma básica e uma expandida. Para fins deste estudo, interessa-nos a sequência básica, que compreende quatro etapas:

1. Motivação (preparação do aluno para o texto literário);
2. Introdução (apresentação do autor e da obra);
3. Leitura (acompanhamento da leitura por parte do aluno e professor);
4. Interpretação (construção coletiva por parte dos alunos e professores do sentido do texto).

A sequência básica foi eleita por compreendermos que seria adequada ao nível da turma do 6º ano; ao seu perfil, formado por estudantes que, em sua maioria, não tinham acesso de forma contínua à leitura literária, a não ser por recortes por meio do livro didático; e ao gênero da obra selecionada para essa experiência.

Esse método permitiu desenvolver a atividade da leitura seguindo os passos sequenciais, que partem do estímulo, avançando para a introdução na leitura literária, seguida da leitura propriamente dita, e, por fim, a interpretação oriunda da formação do leitor e de seu contexto de leitura social.

Antes de adentrarmos a sequência, convém salientar, mais uma vez, que se faz importante trabalhar com os mais diversos gêneros textuais e contextos históricos em sala de aula, para que os alunos tenham a oportunidade de conhecer tudo o que for possível durante um ano letivo e não cheguem às outras séries com experiência homogênea de formas composicionais de textos. Sobre isso, Cosson (2014) destaca a necessidade de trabalhar com obras diversificadas sob a alegação que cada uma delas manifesta um olhar, uma perspectiva, uma maneira de ver e de representar o mundo.

Além disso, antes de aplicar qualquer sequência didática, o professor precisa sondar os interesses da turma, através de dinâmicas, por exemplo, a fim de conhecer o perfil de seu aluno, bem como ter conhecimento dos textos trabalhados em sala de aula, pois, como já frisamos desde o início desse trabalho, o professor precisa ser leitor e dominar as metodologias para obter sucesso na promoção e formação de leitores. Pelas razões já mencionadas, escolhemos iniciar a atividade leitora aqui proposta com a dinâmica pedagógica utilizando um novo de lã, momento em que percebemos quão distante se encontrava o nosso ideal de leitor, moldado pelos conhecimentos oriundos da graduação, daquele universo apresentado na sala. Tal fato, porém, só nos motivou a vencermos certas resistências dos estudantes quanto ao encontro com a literatura.

Imbuídos desse desafio, lançamos a proposta de leitura do texto “Diário de um banana, Vol. 1”, que compõe o livro didático *Jornadas.port*– Língua Portuguesa, lançado pela editora Saraiva, de autoria de Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho, ambos professores das redes estadual e particular de São Paulo, com titulação de Mestre em Língua Portuguesa e em Literatura Brasileira, respectivamente, ou seja, demonstram experiência acadêmica e de prática docente.

O livro didático *Jornadas.port* parece cumprir com a diversidade de gêneros e de épocas diversas, já que o livro aborda o gênero textual diário, que trata de um texto em que são relatadas ideias e experiências vivenciadas no nosso dia a dia, podendo ser incluídas imagens, poesias etc., aspecto que desperta atenção, especialmente no leitor iniciante, conforme já destacamos anteriormente.

Lançado em 2007, “Diário de um banana, Vol1” é o primeiro de uma série de livros denominada *Diário de um banana* que se estendeu a produção de mais de dez volumes e

versões em filmes. Seu autor também se dedicou às ilustrações do livro que mostra desenhos dos personagens e das situações vividas por eles. Esse procedimento imagético certamente favorece ao leitor a construção de sentidos da história. A esse respeito, recorremos à Zilberman (2014, p. 167), para quem “a ilustração é parte constituinte das publicações endereçadas a crianças”.

Catalogado como livro destinado ao público infantojuvenil, mas certamente pode agradar a leitores de diferentes idades, esse livro constitui uma espécie de diário em que o jovem Greg Heffley partilha a sua vida e as suas aventuras.

Greg Heffley conta em seu diário- o qual ele não gostava que chamasse de diário, mas sim de “Livro de memórias”- as dificuldades enfrentadas por um aluno do sexto ano do Ensino Fundamental II, o garoto também expressa as dificuldades e aventuras enfrentadas durante os principais momentos de sua vida escolar e até mesmo familiar. Greg sonhava em ser famoso, esse era um dos motivos pelo qual ele escrevia e desenhava em seu diário, mas seus sonhos estavam longe da realização, suas tentativas de ser popular sempre acabavam falhando e, desse modo, ele acabava afastando as pessoas do seu convívio, chegando até a sofrer *bullying* na escola, porque estava sempre querendo tirar proveito das situações. Rowley, seu melhor amigo, era uma das principais vítimas de algumas brincadeiras de Greg, o que acabou tornando Rowley mais popular que Greg na escola. Isso nos dá a confirmação de que todos temos uma fase anti-heroica em nossas vidas e com o Greg não foi diferente.

Pelo próprio título, podemos classificar a obra como gênero confessional, conhecido pelo ato de fixar a história a partir da experiência de quem conta. Segundo Araújo (2011), os próprios termos utilizados para a classificação desse tipo de narrativa se embaralham, haja vista a sua vasta denominação: autobiografia, escrita de si, diários, escrita íntima, escrita confessional. Apesar desse entendimento de não tratar de um gênero específico, no que interessa a esta pesquisa, concebemos a obra como predominantemente narrativa na qual um garoto conta a história de sua vida em seu meio familiar e social.

Compreendendo a dimensão da obra, essa história caracteriza uma forma de dizer do “Eu” acerca dos sentimentos e de sua relação com o outro. Dessa maneira, independente de ser real ou fictícia, ou ainda de ser questionada como literatura por certos puristas, o que nos interessa é que a obra apresenta um caráter pessoal e confidente de experiências humanas por que passam inúmeros garotos em idade escolar, a exemplo da turma com a qual realizamos a experiência de leitura. Foram as motivações envolvendo o próprio narrador do universo infantojuvenil, a estrutura e a história da obra “Diário de um banana, Voll”, com condições de despertar o interesse da turma, que favoreceram a vivência com essa prática de leitura.

Sem dúvida, tais motivações corroboraram as experiências individuais dos alunos, quando alguns revelaram a identificação com a história e com o registro de acontecimentos cotidianos por meio de diários, inclusive com cadeados para que os familiares não descobrissem os segredos ali contados.

De início, levamos para os alunos algumas imagens do livro, projetadas em forma de vídeo e durante a execução de tal, iniciamos a nossa primeira reflexão sobre a obra, para que se familiarizassem, de modo a motivá-los a leitura. Começamos perguntando o que eles achavam que estava escrito naquele diário, o motivo do nome ser “Diário de um banana”, muitos lembraram, com alegria, que tinham um diário quando criança no momento em que perguntamos se eles conheciam alguém que possuiu ou possuía um diário. Também provocamos a reflexão sobre o motivo de se escrever em diários, e ainda, debatemos sobre o diário ser uma das ferramentas que nos possibilita registrar momentos especiais. Quando indagados sobre como gostariam de registrar momentos especiais de suas vidas, boa parte das meninas e apenas um menino respondeu que escolheriam o diário, porque teriam como guardar tais lembranças com mais zelo, o restante da turma respondeu que não gostava de registrar momentos. Por meio de uma conversa informal, perguntamos se eles já conheciam a história, o modo como tiveram acesso ao texto, se sabiam algo sobre o gênero textual diário. Muitos lembraram que escreviam em pequenos diários seus segredos quando eram crianças, especialmente as meninas que interagiram bem mais do que os meninos neste momento, como já citamos acima. Por fim, apresentamos o fragmento da obra que estava contido no livro didático, para que assim pudéssemos seguir com a aplicação desta sequência.

Feito isso, e apresentada à turma a obra, a síntese da história, apresentamos também o seu autor, como bem já o apresentamos no início desta sequência, seguimos incentivando os estudantes à leitura da obra integral fora da sala de aula. A leitura foi possível graças ao empréstimo de vários exemplares pelo professor titular da turma. À proporção que as aulas iam sendo ministradas, fazíamos o acompanhamento regular em sala da leitura do texto integral, discutindo com a turma sobre partes que chamavam a atenção do leitor, outras questões levantadas ou qualquer aspecto relativo à experiência da leitura da obra, propondo sempre reflexões acerca da obra.

Logo após a leitura acompanhada, incluindo discussões coletivas, encontramos outra forma de apresentar a história vivenciada por Greg Heffley. Exibimos a versão fílmica de “Diário de um banana”, dirigida por Thor Freudenthal, tendo com gênero comédia. Essa ideia surgiu a partir de nossa percepção de que eles começaram a se motivar pela leitura que estavam fazendo, demonstrando que não lhes faltavam o interesse, mas abordagem

metodológica capaz de despertar mais o gosto pela leitura. É certo que aparentemente não apresentavam ainda uma base sólida de leitura construída de forma sistematizada, mas apresentavam condições propícias a aguçarem a sensibilidade e amor pela leitura.

De posse do texto integral e de sua adaptação por meio do filme, os alunos tiveram a oportunidade de perceber que há diferenças da história contada no “Diário de um Banana” entre as duas versões. Indagados se já tinham atentado para essas diferenças apresentadas em suportes diversos, eles alegaram nunca terem sido questionados quanto a isso. Assim, sentimos a necessidade de destacar as várias formas de acesso a um texto literário, notadamente no que se refere à obra analisada. A importância das adaptações já foi exposta neste trabalho como uma forma legítima para os leitores iniciantes conhecerem textos da literatura. COSSON (2017, p. 1), tratando da ampliação do repertório literário, afirma que cabe “ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meios.”

Dando continuidade à aplicação da sequência didática, iniciamos os trabalhos com o livro didático, sempre ampliando com outras atividades como, por exemplo, a releitura da obra através de desenhos. Nesse aspecto, desenvolvemos um trabalho com a linguagem verbal, não verbal e mista, permitida pelo texto e favorecendo a releitura. Depois seguimos trabalhando com o que o livro trazia como sugestão, exploração textual etc. Para finalizar, criamos a seguinte indagação: Por que eu indicaria ou não a leitura do livro “Diário de um banana” para alguém? Desenvolvemos um debate regrado em sala, o que nos rendeu diversas experiências positivas de aprendizado. Na oportunidade, aproveitamos para questionar os alunos através de uma atividade de sondagem do conteúdo, sobre alguns aspectos como: Qual a importância de combater o *bullying* na escola? Qual a importância da verdadeira amizade em nossa vida? Se você fosse o Greg, o que faria em determinados momentos em que ele foi obrigado a vivenciar na escola? Nesta ocasião, foram citados dois momentos vivenciados por Greg e como eles reagiriam, caso estivessem no lugar daquele menino.

Para finalizar esta etapa, aplicamos um *Quiz* sobre o Volume 1 do livro e aplicamos em sala devido a alguns alunos não terem acesso à rede de internet, além do fato de a escola não dispor de computadores suficientes para toda a turma. O *Quiz* foi retirado do site RachaCuca, que contém *Quiz* de quase todos os volumes do livro “Diário de um banana”.

Os depoimentos e a participação da turma demonstraram a interação com a experiência de leitura. Esse envolvimento rendeu um dado curioso. Antes mesmo de terminar a nossa prática de estágio, uma aluna do 6º ano, ao ganhar \$20,00 da sua mãe para comprar

uma capa de celular, preferiu comprar o v. 2 do livro do “Diário de um banana”, dando continuidade, dessa forma, à história que na sala de aula lhe foi apresentada.

Por fim, os alunos foram desafiados a contar como foi para eles essa experiência de leitura e tal registro foi proposto ser escrito em forma de diário, porém não conseguimos acompanhar a produção por motivos do término da prática do estágio e das diversas atividades que um final de curso exige dos seus alunos, deixando assim como responsável por essa culminância o professor regente da turma. Ainda deixamos como sugestão que tais trabalhos fossem afixados no mural da escola para que outros alunos tivessem a oportunidade de conhecê-los, também sugerimos outra forma de circulação dos textos, através do *blog* ou *facebook* da escola, ou seja, pelos meios utilizados para a divulgação dos eventos que acontecem lá.

3.2 A escola formando leitores: entre práticas e sugestões

Ao analisar a participação da escola pública do município de Picuí-PB, referenciada neste estudo, quanto ao incentivo da leitura, percebe-se que a equipe de gestores, juntamente com o seu corpo docente, embora esteja atenta às necessidades pedagógicas dos estudantes, ainda carece impulsionar procedimentos metodológicos no que dizem respeito ao trabalho contínuo com a leitura literária. Nesse aspecto, é possível desenvolver um trabalho com a biblioteca, já que conta com livros atualizados destinados à faixa etária desses alunos.

Por meio da experiência vivenciada com a turma do 6º ano, foi possível constatar que uma boa parte dos estudantes acessava com certa frequência a biblioteca, com o registro, inclusive, de empréstimo sucessivo de livros, demonstrando ser uma atividade contínua. Essa boa parte é formada, principalmente, pelas meninas da turma que faziam sempre questão de levar um livro para casa, ainda que algumas vezes não conseguissem compreender o conteúdo.

Ainda em se tratando dos agentes de formação leitora dessa escola, observamos que o professor de uma turma do 6º ano, que é um dos três professores de Língua Portuguesa da referida escola, executou, no ano de 2015, um projeto de Leitura. Por meio dessa proposta, que envolveu a articulação entre professores e funcionários da escola, foram doados vários exemplares de livros para a turma do 6º ano. Tendo em vista o sucesso alcançado no projeto, o professor nos informou a sua pretensão em dar seguimento nova proposta no corrente ano. Essas iniciativas certamente demonstram o papel da escola na relação com a leitura, dando

visibilidade a um movimento de articulação entre os agentes de formação leitora capaz de preparar os seus estudantes para uma prática direcionada ao desenvolvimento da competência leitora, e, conseqüentemente, literária.

Sabendo da realidade educacional brasileira e das dificuldades que o professor encontra para diversificar as aulas, de modo a desenvolver práticas de leituras do texto literário, é importante que a escola utilize métodos eficazes no ambiente escolar. Para Russ (2010, p. 16), “o método é antes de tudo, como indica a etimologia, uma via ou caminho (hodos) para (meta): um conjunto de procedimentos lógicos e racionais, que permitem chegar a um fim.” Ainda sobre método, segundo o autor, “longe de circunscrever-se a um campo estreito, constitui um instrumento universal pedido pelas próprias exigências da vida e da existência” (RUSS, 2010, p. 16).

Essas ideias consistem em algumas estratégias que partem, essencialmente, da produção de um planejamento didático por parte do professor ou de uma sequência didática, a exemplo da que adotamos neste trabalho no desenvolvimento do texto “Diário de um Banana, Vol1”.

Além dessa metodologia apresentada por Cosson (2014), outras devem ser utilizadas com vistas a diversificar os procedimentos em sala de aula. Discutindo sobre a importância das metodologias que devem ser usadas para o ensino de Literatura, Bordini e Aguiar (1988) apontam procedimentos de abordagem do texto literário dentro do contexto de ensino. Segundo as autoras,

A partir de cada método, dentro de sua especificidade, o professor pode organizar a situação de aprendizagem conforme as aspirações do grupo e as peculiaridades do conteúdo a ser trabalhado, sem forçar nenhum dos pólos e sem renunciar à sua função de orientador do processo educativo. A pluralidade de métodos limita o autoritarismo do sistema educacional, por não depender de alvos preestabelecidos e imutáveis, e pressupõe uma atuação docente flexível, pois não permite a repetição rotineira de atividades ou o cumprimento passivo de um programa inalterável. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 42).

Um dos métodos eficaz para formar leitores apresentados pelas autoras é o Recepcional, cuja base é fundamentada pela teoria da Estética da Recepção, formulada por Jauss (1997), cujo surgimento deu-se na Alemanha no final dos anos de 1960. Um dos pensamentos centrais dessa abordagem do método é o “horizonte de expectativa”, em que o aluno é o principal ator desse método, visto que o professor irá, apenas, instigá-lo a criar novas expectativas para ampliar seus horizontes de leitura e de conhecimento.

Neste método, não há espaço para aulas tradicionais e o eixo norteador desse tipo de abordagem é sempre o debate, já que promove a interação entre os sujeitos envolvidos e o contexto histórico. Bordoni e Aguiar (1993) decidiram elaborar esse método de ensino das obras literárias e leitura, aplicando algumas deduções teóricas sobre a estética da Recepção. Para as estudosas, este método torna-se muito válido porque está fundamentado na participação do aluno em contato com os mais diferentes textos e também não acaba quando a última etapa é aplicada, visto que o método oportuniza uma nova aplicação, um novo ciclo. Acredita-se que, ao final da aplicação, os alunos tornem-se leitores críticos e capazes de compreender uma obra, um momento histórico, as várias facetas que o mundo literário lhe oferecerá ao longo da sua escolarização.

Considerando a relação autor- texto-leitor como indissociáveis, o método recepcional, apresenta, nos seus pressupostos, cinco etapas, quais sejam: Determinação do horizonte de expectativa, etapa em que necessita fazer uma análise sobre o meio em que estamos inseridos, quais são os gostos dos alunos, para que se conheça público-alvo envolvido; Atendimento do horizonte de expectativa, momento em que o professor deverá atender as expectativas criadas pelo universo que acabou de conhecer, ou seja, o professor deverá adaptar seu planejamento de acordo com a realidade dos seus alunos, já que as expectativas criadas pelos alunos somente serão atendidas se forem levado em consideração tudo o que responderam nos questionários; Ruptura do horizonte de expectativa, etapa na qual o professor deverá inquietar seus alunos e criarem possibilidades para que reflitam de forma crítica e consigam opinar diante os assuntos expostos durante as aulas; Questionamento do horizonte de expectativa, fase na qual se espera que os alunos já sejam capazes de ter um pensamento formado sobre determinado assunto, bem como de se autoquestionarem e de questionarem seus colegas e demais pessoas que constituem o espaço ocupado por eles; e, por fim, Ampliação do horizonte de expectativa, quando o professor fará com que o público-alvo escolhido não guarde os ensinamentos só para eles, mas que possam, por si só, ampliar seus conhecimentos de ampliação do horizonte das expectativas criadas no início das aulas.

Em sendo um dos objetivos da escola formar alunos proficientes em leitura, e, de acordo com a abordagem desta pesquisa, formar, por meio da literatura, leitores autônomos e críticos, é responsabilidade do professor e dos mediadores da leitura proporcionar a possibilidade de utilizar vários métodos nas atividades pedagógicas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados, fomos levados a perceber que, embora nem todos os estudantes aqui pesquisados tenham manifestado, inicialmente, uma prática leitora como uma atividade regular e contínua, a maior parte apresentou direcionamentos para o desenvolvimento da competência literária.

A experiência vivenciada por meio da observação com a turma do 6º ano e da prática de leitura com a obra “Diário de um banana, Vol1” nos permitiu constatar tanto a importância do acesso dos estudantes ao universo literário desde cedo quanto a responsabilidade da escola nesse processo de imersão na literatura.

O papel do professor nesse transcurso é o de despertar nos leitores em formação, principalmente, o prazer e o gosto pela leitura, de maneira que esses aspectos possam contribuir para o percurso do letramento literário. Cosson (2014, p. 30), tratando do quão fundamental é o letramento literário no processo educativo, afirma:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Nessa perspectiva, cabe à escola um tratamento diferenciado que focalize a experiência com a literatura. Por essa razão, é extremamente relevante que se busquem novas possibilidades de se efetivar a leitura literária na escola mediante métodos de abordagem de textos pertencentes a gêneros diversos. Considerando esse contexto, o fato de nós, futuros professores, exercermos comportamentos leitores, já nos auxilia, consideravelmente, na tarefa de desenvolver o importante trabalho de possibilitar aos nossos alunos o encontro com a leitura literária.

Ao chegar ao final desse estudo, conclui-se que, sem a necessária reavaliação da prática docente em sala de aula quanto ao efetivo tratamento à leitura literária desde os primeiros contatos, a literatura pode continuar em perigo, conforme questão levantada por Todorov (2009).

Foi possível ainda analisar de forma satisfatória e comprovar o avanço que os estudantes do 6º ano da E.M.E. F Ana Maria Gomes, localizada em Picuí-PB, vivenciaram durante o nosso Estágio Supervisionado. Apesar do tempo disponibilizado pelo estágio ser insuficiente para ampliarmos as atividades de leitura com o texto literário, temos ciência de

que conseguimos contribuir na formação desses leitores, oportunizando, ainda, ao professor regente da turma revitalizar suas práticas e dar continuidade ao trabalho desenvolvido nesse período ou ainda ampliar outros aspectos.

Tanto no âmbito pessoal como profissional, avaliamos o nosso progresso, especialmente no que se refere à viabilidade entre o conhecimento teórico e a aplicação da prática pedagógica. Esperamos que os resultados obtidos nesta pesquisa possam colaborar para análise de práticas docentes e, dessa forma, adotar melhorias na educação dos nossos alunos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira. Formação do Leitor. In: CECCANTINI, J.L.C.T., PEREIRA, R.F. & ZANQUETA JR, Juvenal. (orgs.) **Pedagogia cidadã**: cadernos de formação - Língua Portuguesa. São Paulo: Editora da UNESP, 2004. vol 2.

ALVAREZ, Maria Esmeralda Ballester. **Organização, Sistemas e Métodos**. São Paulo: McGraw Hill, 1991, v. 1 e 2.

ARAÚJO, Pedro Galas. Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea. Dissertação Mestrado. Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2011. Disponível em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9975/1/2011_PedroGalasAraujo.pdf. Acesso: 10 de jul. 2017.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014

_____. Letramento Literário. In. **Glossário Ceale**. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/prefacio>. Acesso em: 24 jul. 2017.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução, 2003. Disponível em: <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/09/teoria-da-literatura.pdf>, acesso em: 10 out. 2016.

FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptação de Clássicos Literários**: Uma história de Leitura no Brasil. Tese Doutorado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

FORMIGA, Girlene M. et. al. **Introdução aos Estudos Literários**. João Pessoa: Ed. IFPB, 2014.

GOULART, André Moura Cintra. Contribuição da Teoria da Observação à prática da Auditoria in **Anais do 3o. Congresso USP de Controladoria e Contabilidade**. São Paulo: 2003. Disponível em <http://www.eac.fea.usp.br/congressousp/congresso3/trabalhos/15.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 160 p.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4 edição. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf> Acesso em: 19 set. 2013.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

____, **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para Crianças**: para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos. 3. ed. São Paulo: Global, 1988.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

MÜGGE, Ernani. SARAIVA, Juracy Assmann. A realidade escolar no âmbito da leitura e possibilidades de sua transformação. **Revista Língua & Literatura**. v. 17. n. 30 p. 1-338. Dez. 2015.

OCDE. Os estudantes de hoje leem por prazer? **Pisa em Foco**. Vol. 8/2011. Set. 2011. Disponível em: <<https://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/pisainfocus/48869332.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

____. **Portal INEP**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/internacional-novo-pisa-resultados>>. Acesso em: 27 set. 2016.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In. DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.) **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS. Moisés Gonçalves Junior; SILVA. Marcela Verônica. **Formando pequenos leitores**: o direito e o poder da literatura na educação infantil. São Paulo: Cortez, 1995.

SEGABINAZI, Daniela. Ler livros sem palavras, ler imagens e mundos. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 22-45, maio/ago. 2017.

SEGABINAZI, Daniela Maria; SILVA, Raquel Sousa. O ensino de literatura continua em perigo. **Revista Língua & Literatura**. v. 17. n. 30 p. 1-338. Dez. 2015.

SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira. Literatura Infantil: Entre a Infância, a Pedagogia e a Arte. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/46/diversa1.pdf>. Acesso em 12 dez. 2016.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura no Brasil**: sua história e suas instituições. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/regina.html>. Acesso em: 29 set. 2016.

_____.O papel da literatura na escola. **Revista Via Atlântica**. Nº 14 Dez/2008, p. 11-22. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 12 set. 2016.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2014.

_____. **A literatura Infantil na Escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.